

## O grande sistema

Por trás de janelas gradeadas, está encolhido numa camisa de força um senhor baixo e corpulento, com olhos remelosos e calvo. Na sua frente, enrosca-se, isolado, um anel de cabelos à Napoleão. A seu lado, o guarda não perde de vista um minuto a seu doente. Logo que, na sua fisionomia, se vislumbra a agitação; logo que no olhar fuzila o lampejo precursor do ataque iminente; logo que as exprobações e angústias da loucura tornam a repontar em suas palavras, o guarda introduz, a força, um pó calmante na boca que se cerra com a obstinação peculiar aos loucos, e aperta um pouco mais a camisa de força. Já faz três anos que o filósofo Augusto Comte, perigoso louco furioso, passa assim a vida entre acessos de frenesi e períodos de torpor consecutivos ao esgotamento.

Às vezes, porém, as figuras assustadoras com que seu delírio repovoa a cela, parecem esvair-se. Nesses intervalos, reaparecem, como sombras, os contornos da face recôndita da história da humanidade, suas leis profundas, com toda a coerência com que as descobriu o filósofo e com toda a nitidez com que as contemplara antes da doença o ter acometido.

Logo que o delírio o abandona por algumas horas, vê êle descortinar-se cada vez mais nitidamente ante seu espírito a grande lei universal. Parece que, durante os intermináveis dias de perturbação mental, por trás dos acessos de loucura furiosa e de insensibilidade apática, nos desvãos mais recônditos do pensamento, foi progredindo o processo de clarificação de suas idéias.

Nesses momentos de lucidez, Augusto Comte sabe que tem de terminar a grande obra, essa obra que deverá libertar a humanidade dos grilhões do falso pensamento e levá-la à ciência verdadeira. A despeito da camisa de força, o mundo, graças a êle, entrará na posse das verdadeiras leis de todos os acontecimentos e de todos os pensamentos. Assim, ficará capacitado a tornar mais feliz o futuro. E'

êle que, para salvação do porvir, vai brindar o homem com a redentora "ciência positiva".

Que era tal a sua vocação e seu destino, Comte já o sabia no decurso desses sete anos todos em que trabalhara como secretário privado do conde filosofante Henri de Saint Simon, numa servidão operosa pela qual nunca obteve a mínima gratidão.

Aquele conde afigurava-se ter êle próprio descoberto a ciência positiva, a-pesar-de todas as idéias que Comte chegara a ouvir dêle não passarem de meros "aperçus" esboçados sem sistema, de idéias incompletamente desenvolvidas.

Com efeito, o pensamento de Saint Simon era sem sistema, incabado, à maneira dum "aperçu", imagem exata de sua vida aventureira e intrincada. Toda a sua obra consiste apenas em ensaios e esboços incompletos, o que não o impede de ostentar, no pensamento e na ação, uma atitude megalômana de redentor. Quão ridículo não era já o primeiro gesto de Saint Simon, dêsse par de França e grande de Espanha que, aos quinze anos, ordenava a seu camareiro despertá-lo com as palavras: "Levante-se, senhor conde, V. Excia., tem grandes coisas a cumprir!"

E quê adviera daquelas "grandes coisas"? — Uma carreira de vaidades, de aventuras insensatas! Luta pela liberdade no exército de Washington; jornadas tolas através do México, da França, da Holanda e da Espanha, sempre à procura de algum vago negócio especulativo. Uma vez, é Madri que tem de ser ligada ao mar por um canal. Outra vez, êsse aristocrata decaído tenta fazer fortuna mercê de fantásticas emprêsas industriais. Afinal, quando, graças a proveitosas transações com os bens nacionais, consegue enriquecer, esbanja seu dinheiro dentro de pouco tempo, entregando-se a uma vida loucamente dispendiosa, na qual uma festa se segue a outra. Na verdade, ao conde sucede apenas o que merece, quando afinal se arruína completamente e tem de viver anos seguidos à custa da generosidade do seu antigo camareiro, para mais tarde, levar uma vida miserável como amanuense numa casa de penhores!

Entretanto, enquanto Saint Simon se debate numa cruel indigência cujas privações o levarão até ao suicídio, não sabe senão cismar cada noite sobre a transformação do mundo segundo os princípios de uma "filosofia positiva", passando o dia estendido num divã a devorar um após outro, romances de pacotilha.

Quando Comte recorda êsse proceder do seu antigo patrão, não atina como pudera, em outros tempos, admirá-lo e venerá-lo. Seria talvez porque Saint Simon fôra bastante desabrido para, na sua qualidade de "homem mais superior", pedir em casamento Madame de Staël, a "mulher mais superior", propondo-lhe a procriação em comum dum "filho mais superior"? Ou talvez, seria porque pretendia,